

## A EVOLUÇÃO DO SISTEMA DAS CONSOANTES PORTUGUÊSAS.

EURICO BACK.

### 1. CONCEITO DE LATIM VULGAR.

A língua portuguêsã é continuação do latim vulgar. É um fato de que ninguém duvida; contudo, não é tão clara a conceituação do latim vulgar. Denominamos latim vulgar o latim (falado) que foi a base comum de tôdas as línguas românicas. Em nosso entender, era o latim falado pelo povo de Roma, no 1.º séc. A. C. É o ponto de partida do nosso trabalho, é nosso 1.º estado lingüístico. Estado lingüístico é a época em que vigora determinado sistema, com tôdas as suas variantes. "... é do período final da República e dos primeiros tempos do império... que data a unidade fundamental do latim vulgar" (Maurer, 1962, 180).

Nesta época ainda não havia discrepâncias nos sistemas fonêmicos do latim clássico e do latim vulgar, pois "Pode... afirmar-se, sem perigo de êrro, que no fim do período republicano o latim falado pelas classes populares ainda estava limitado principalmente a Roma e cercanias..." (Maurer, 1962, 180). As diferenças vocabulares e oracionais já eram muito grandes, neste século, pela redução dos casos e das declinações; mas "A fonética vulgar era muito semelhante à clássica, embora, apresentasse peculiaridades perceptíveis" (Maurer, 1962, 67), as quais, contudo, ainda não provocavam alterações no sistema.

"Segundo entendemos, entretanto, e segundo procuramos demonstrar no capítulo III, a homogeneidade do latim vulgar se explica pela sua formação inicial em uma época anterior à grande latinização das províncias, que se consuma principalmente como resultado da organização administrativa sistemática e inteligente de Augusto e dos seus sucessores. . . . No 'Pro Archia', contrasta Cícero a larga disseminação do grego com os estreitos limites do latim com estas palavras: 'Nam si quis minorem gloriae fructum

putat ex Graecis versibus percipi quam ex Latinis, vehementer errat: propterea quod Graeca leguntur in omnibus fere gentibus, Latina suis finibus, exiguis sane, continentur' (X, 23)" (Maurer, 1962, 178).

"A latinização decisiva da România pertence ao período imperial" (Maurer, 1962, 179). "En Gaule, l'aristocratie s'est mise à étudier le latin dès après la conquête, et des les débuts de l'époque impériale, elle était de culture toute latine. Le gaulois n'a pas disparu por cela; le peuple en a longtemps encore gardé l'usage. Les artisans de la fabrique gauloise de poterie récemment exploié dans le Sud de la France se servaient encore de gaulois; la grammaire qu'ils employaient était gauloise; les noms de nombre étaient gaulois; mais tout ce qui était de civilisation n'était déjà plus gaulois. . ." (Meillet, 1954, 18). ". . . la conquête gauloise ne paraît pas avoir renouvelé la population, et la conquête romaine n'a sûrement apporté que peu d'éléments nouveaux." (Meillet, 1954, 73).

Contudo, fixar a época não é fundamental para o nosso trabalho, se alguém discordar deste ponto de vista; importante é fixar o sistema inicial, o qual, parece, ninguém põe em dúvida.

Dentro do nosso critério de maioria e com o aniquilamento da aristocracia romana, fica evidente que a maioria dos que falavam latim, o latim vulgar, eram as camadas populares. Com a latinização do vasto império romano, surgem as formas dialetais, e cada região elabora lentamente o seu próprio sistema, apesar das tendências unificadoras, oriundas do Centro da Itália. Se o latim vulgar é a fonte comum de tôdas as línguas românicas, o latim imperial já contém os germes de cada ramo.

## 2. O SISTEMA FONÊMICO DO LATIM VULGAR.

No livro "Phonétique historique du latin", (Niedermann, 1945, 13 e ss.) Max Niedermann apresenta o esquema das consoantes latinas. O resultado de seus estudos traduz, embora não fôsse o seu objetivo, a realidade fonêmica do latim, com duas exceções. Archibald Hill apresenta os fonemas do latim no seu livro "Introduction to linguistic structures" (Hill, 1958, 441 e ss.). Afastamo-nos desses autores nos seguintes pontos:

a) Incluímos entre as consoantes o /y/ e o /w/, em vista do nosso conceito de estrutura: são dois fonemas distintos do /i/ e do /u/, respectivamente, porque êstes têm a função de preencher o centro silábico e aquêles jamais ocorrem nesta mesma função. Têm, pois, valores diferentes na língua (Back, 1968, II, 62 e ss.).

b) Excluímos o /N/, dorsal nasal da lista dos fonemas, porque o consideramos alofone (N) de /g/ diante de /n/. Enquanto o latim clássico tinha também um alofone (N) de /n/ diante

de /g/ (Back, 1968, III, 137 e ss.), o latim vulgar, provavelmente, desconhecia êste alofone.

Com estas observações, podemos apresentar as vogais e as consoantes em esquemas, como segue.

### O diagramema das consoantes.

		Labiais	Apicais	Posteriores
<b>OCCLUSIVAS</b>	surdas	/p	t	k
	sonoras	b	d	g
<b>NASAIS</b>		m	n	
<b>FRICATIVAS</b>		f	s	
<b>LATERAL</b>		l		
<b>VIBRANTE</b>		r		
<b>SEMIVOCÓIDES</b>		w	y/	

### O diagrama das consoantes.

		LABIAIS		APICAIS	POSTERIORES	
		Bilabiais	Labiodentais		Frontais	Dorsais
<b>OCCLUSIVAS</b>	surdas	(p		t	c	k
	sonoras	b		d	q	g
<b>NASAIS</b>	sonoras	m		n		N
<b>FRICATIVAS</b>	surdas		f	s		
<b>LATERAIS</b>	sonoras			l λ		
<b>VIBRANTE</b>	sonora					r
<b>SEMIVOCÓIDES</b>	sonoros	w			y)	

Não conhecemos o exato ponto de articulação das consoantes apicais, se interdentaes, dentais, alveolares ou retroflexos.

O /f/ talvez se tenha realizado por uma bilabial; apresentamo-lo como labiodental no alofone (f).

Não temos elementos para afirmar se as fricativas eram planas ou côncavas, provavelmente tôdas planas.

O fonema /k/ tinha dois alofones (c), frontal, oclusiva diante de vogais anteriores e diante de /a:y/ e de /o:y/; (k) dorsal, oclusiva nos demais ambientes.

O fonema /g/ tinha três alofones: (N) dorsal, nasal diante de /n/; (q) frontal, oclusiva diante de vogais anteriores e (g) dorsal, oclusiva nos demais ambientes.

A consoante lateral /l/, por ser fonema não integrado em série, pode teoricamente variar muito na sua realização. Tinha dois alofones:

- (λ) depois de vogal, era uma apical com coarticulação dorsal.
- (l) nos demais ambientes.

Niedermann e Meillet apresentam como alofone uma frontal, lateral: (L). Niedermann, apenas diante de vogais anteriores (Niedermann, 1945, 28) e Meillet também quando geminado (Meillet, 1948, 138). Entretanto, esta situação já não se verificava mais no latim vulgar ou passou muito cedo para os alofones que descrevemos. Numa época anterior, não existiu o fone (l), de sorte que (λ) deve ser considerado fonema daquela época.

Também o /p/ tinha um amplo campo de dispersão; mas provavelmente se realizava pelo fone dorsal (uvular).

#### 4. FONEMAS E LÊTRAS DO LATIM.

A grafia latina era bastante fonêmica; contudo apresentava algumas divergências entre os fonemas e as letras correspondentes. Eram as seguintes:

Fonema	Lêtra	Ambiente	Exemplos
/p/	b	diante de <b>t</b> e <b>s</b>	<b>abscondere, subterrare</b>
	p	nos demais ambientes	
/k/	q	diante de /w/	<b>qualis, quaerere</b>
	k	em poucos vocábulos	<b>Kalendae</b>
	c	nos demais	
/w/	u	em todos os ambient.	<b>qualis, aurum</b>
/y/	e	depois de vogal	<b>caecum, foedum</b>
	i	antes de vogal	<b>iam, cuius, iacere.</b>

As vogais longas e breves correspondentes eram escritas com a mesma letra.

#### 5. DIVERGÊNCIAS ENTRE O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR.

Para explicar o português, devemos partir do latim vulgar; entretanto, o latim clássico é mais conhecido e é o único escrito. Convém fazer referência ao latim clássico, citando, porém, as diferenças do latim vulgar.

- h:** o fonema /h/ não existia no latim vulgar "... was lost in classic Latin..." (Hill, 1958, 441).
- **m:** a letra m final de vocábulos de mais de uma sílaba não existia no latim vulgar como fonema.
- **ns** —: à letra **n** diante de **s** nada correspondia na pronúncia.

- u:** a ortografia do latim clássico não revela a verdadeira distribuição da semiconsoante posterior no latim falado em Roma. Já havia desaparecido entre duas vogais de timbre idêntico, menos quando a segunda vogal era acentuada; na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do perfeito e na seqüência — iuu — (Niedermann, 1945, 154-5, 157). Exemplos: *riuum*, *ciuitatem*, *cantau*u**, *audiu*i**. Não existia também o /w/ do ditongo /aw/, quando na sílaba seguinte havia vogal posterior alta. Exemplos: *augustum*, *augurium*.
- **sc** —: a estas letras corresponderia em latim vulgar — **cs** —, ou melhor /ks/, diante de vogais anteriores. Exemplos: *pisces* = /'pikse/; *miscet* = /mik'set/.
- **gr** —: no latim clássico o (g) é explosivo, no latim vulgar é implosivo, isto é, pertencia à sílaba precedente; no latim clássico, sendo penúltima, era átona e no latim vulgar era tônica; no latim clássico o vocábulo era proparoxítono e no latim vulgar era paroxítono.

Tais eram as diferenças que não correspondem às divergências entre a grafia do latim clássico e os fonemas do latim vulgar, sem fazermos aqui a relação das diferenças mórficas e vocabulares.

## 6. EVOLUÇÃO VOCABULAR.

O acento latino não causa a existência de maior número de fonemas. Tinha capital importância na fonologia do vocábulo, já que a posição da sílaba tônica é previsível. Se a penúltima sílaba era longa, o vocábulo era paroxítono; se a penúltima sílaba era breve, o vocábulo era proparoxítono. Era distintivo na locução, pois por sua presença permite assinalar o número de vocábulos dentro da locução. Não tinha rendimento fonológico para distinguir um vocábulo de outro, como português **fábrica** e **fabrica**. Niedermann assinala alguns oxítonos como **addic**, **educ** (Niedermann, 1945, 21-2).

A evolução do acento latino mudou a fonologia do vocábulo latino, alterando o sistema vocabular e repercutindo sobre a distribuição dos fonemas. Nova distribuição dos fonemas propiciaram novas evoluções dos fonemas.

### 6.1. A evolução do acento latino.

#### 6.1.1 Traço distintivo:

O acento era melódico no latim clássico e no latim falado em Roma, desde o fim do latim arcaico até o fim do período republicano (Niedermann, 1945, 16-20).

Sofreu transfonemia. Em certa época, adquiriu um traço irrelevante, o intensivo (fonia dêste traço prosódico); num estágio posterior, ocorreu a transfonemia: o traço distintivo foi substituído por outro, o melódico pelo intensivo. Por último, deu-se a defonia do traço melódico: deixou de ser habitual, i. e., desapareceu. E o acento intensivo permaneceu até os nossos dias.

Estágio	Traço distintivo	Traço irrelevante	Processo
A	melódico	—	—
B	melódico	intensivo	fonia
C	intensivo	melódico	transfonemia
D	intensivo	—	defonia.

### 6.1.2. Provas da existência do acento melódico:

Que o acento era melódico no latim clássico e no latim vulgar até determinada época se comprova:

a) Pelas regras da métrica, tôdas baseadas na quantidade, sendo o ritmo sempre independente da posição do acento (Meillet, 1948, 241 e Maurer, 1959, 65). Se o acento é melódico, o tom de cada sílaba não interfere no ritmo; mas quando o acento é intensivo, o ritmo em tôdas as línguas se subordina à presença da intensidade. Como o ritmo e posição da sílaba acentuada em latim não coincidem, conclui-se que o acento tinha que ser melódico.

b) Pela distribuição das vogais latinas. Tôdas as vogais latinas, quer longas, quer breves, se encontram em tôdas as sílabas, tanto em sílabas tônicas como em sílabas átonas. Sílaba tônica era a sílaba onde se situava o acento melódico: esta sílaba era pronunciada em tom mais agudo. Não há registros da época romana esclarecendo-nos sôbre a diferença de altura, pois as sílabas átonas eram pronunciadas em tom comum, médio, i. e., eram de tom mais grave do que a tônica. Em português, as sílabas são intensivas ou fracas: intensiva é aquela sílaba do vocábulo que é pronunciada com mais energia muscular; as demais são proferidas com menor esforço muscular, embora haja diversos graus de intensidade entre as sílabas fracas de cada vocábulo, como também há graus de intensidade entre as sílabas intensivas de cada locução e mesmo de cada oração.

O acento melódico não altera o timbre das vogais, mas o acento intensivo, conforme a sua presença ou ausência, é responsável, em regra, por quadros distintos de vogais (Câmara Jr., 1959, 76), i. e., a distribuição das vogais em sílabas intensivas e fracas não é a mesma, como é o caso do português. Em sílabas intensivas ocorrem tôdas as vogais do português; mas em sílabas fracas há uma restrição: em sílabas anteriores à intensiva desaparece a oposição entre /e/ e /E/; /o/ e /O/. Em sílabas

posteriores à intensiva desaparece ainda a oposição entre /e/ e /i/; /o/ e /u/. (Câmara Jr., 1953, 75).

Desde que surgiu o acento intensivo, ocorreu freqüentemente a síncope de vogais adjacentes à sílaba intensiva (Maurer, 1959, 65); "a causa dêsse fato deve encontrar-se na preponderância, cada vez maior, do elemento intensivo do acento latino". (Silva Neto, 1956, 75).

c) As descrições que os romanos nos deixaram, só convêm ao tom (Meillet, 1948, 241 e Maurer, 1959, 65-6).

d) As descrições que Cícero fez das cláusulas de seus discursos também são em termos de quantidade, sempre independentes da posição do acento (Meillet, 1948, 241).

Não cabe alegar que os romanos "seguiam quase servilmente as teorias que os gramáticos gregos lhes haviam legado" (Faria, 1955, 124), pois "certamente um romano, com a consciência de latinidade e sensibilidade de Cícero, distinguiria imediatamente entre a musicalidade do acento grego e a energia dinâmica do acento latino, se tal diferença realmente existisse" (Maurer, 1959, 66). (cf. Maurer, 1959, 65-8 e Maurer, 1962, 150 e 160-2). Ninguém fará versos em sua língua materna, segundo características prosódicas contrárias à construção: nenhum poeta brasileiro faz versos portugueses em hexâmetros datílicos. Por quê? A língua portuguesa não tem o tom e a quantidade como elementos distintivos do vocábulo e tom e quantidade não podem funcionar como base do nosso ritmo.

Não é válida a estatística do prof. E. Sturtevant (Faria, 1955, 133-4) para mostrar a coincidência do ictó métrico e do acento vocabular nos dois últimos pés do hexâmetro, como prova de que o ritmo latino estava baseado no acento intensivo. Esta coincidência é puro acaso, ou melhor é acidente impôsto pela estrutura dos vocábulos latinos e não algo desejado pelos poetas latinos: as regras da acentuação latina, diferentes do grego, forçavam a coincidência nestes pés (Meillet, 1948, 242 e Nougaret, 1948, 41-8). É só observar os fatos: Se o último vocábulo do hexâmetro datílico não fôsse monossilábico, caso em que não havia coincidência, tinham que coincidir, no último pé, o acento e o ictó, porque a penúltima sílaba do verso era longa e, por isso, ali só cabia um paroxítono. Se o último vocábulo era trissilábico, forçava, por razões análogas, a presença de um paroxítono no penúltimo pé, em coincidência com o ictó. Se o último vocábulo fôsse dissilabo, o penúltimo nem monossilabo nem dissilabo, casos em que desaparece a coincidência, no penúltimo pé só cabia um proparoxítono e, por conseguinte, surgia automaticamente a coincidência do ictó e da sílaba tônica.

Demonstração pelos primeiros versos de Eneida: (Depois da barra, vem a sílaba que tem o ictó métrico; a sílaba tônica está em negrito).

/Arma ui/**rum**que **ca**/no, **Troi**/ae **qui** /**primus** ab /**oris**  
 /Italia/am **fa**/to **profu**/gus La/**uinia**que /**uenit**  
 /litora, /**mult**'il/l' et **ter**/ris iac/**tatus** et / **alto**  
 /**ui** supe/rum **sae**/uae memo/rem lu/**nonis** ob / **iram**,  
 /**multa** quo/qu'et **bel**/lo **pas**/sus, **dum** / **conderet** / **urbem**  
 /infer/**ret**que **de**/os **Lati**/o, **genus** / **unde** La/**tinum**  
 /Alba/**nique** **pa**/tres **at**/qu'**altae** / **moenia** / **Romae**.  
 /Musa mi/hi **cau**/sas memo /ra, **quo** /numine / **laeso**  
 /**quidue** **do**/lens re/**gina** **de**'um **tot** / **uolere** / **casus**  
 /**insig**/nem pie/**tate** **ui**/rum, **tot** ad/ire la/**bores**  
 /**impule**/rit. Tan/**taen'** **ani**/mis cae/**lestibus** / **irae**?

O desencontro de ictó métrico e sílaba tônica é tão evidente que dispensa maiores comentários. A coincidência nos dois últimos pés se explica pela natureza da acentuação latina e, já no segundo verso, não coincidem o acento e o ictó no penúltimo vocábulo, **Launiaçãoque**; este vocábulo, embora tenha penúltima sílaba breve, é paroxítono, por estar seguido de enclítico (Nieder-mann, 1945, 21). O acento e o ictó também não coincidem, quando ocorre um monossílabo nos dois últimos pés ou quando os dois últimos vocábulos são dissilábicos. É só procurar versos deste tipo na Eneida.

/Aeole, / **namque** **ti**'bi **di**/uom **pater** / **atqu'**homi/num **rex** (66)  
 /**dat** **latus**, / **insequi**/tur **cumu**/lo **prae**/ruptus **a**/quae **mons** (105)  
 /morta/lis, **nec** /**uox** **homi**/nem **sonat**; / **o**, **dea** /**certe** (328)

No pentâmetro desaparecem as coincidências nos dois últimos pés, porque o verso tem outra construção.

Exemplos da Elegia Décima de Ovídio:

/**Quem** legis, / **ut** **no**/ris, // **accipe**, / **posteri** /tas (2)  
 /**Millia** / **qui** **noui**/es // **distat** ab / **Vrbe** **de**/cem (4)  
 /**Cum** **ceci**/dit **fa**/to // **consul** u/**terque** **pa**/ri (6)  
 /**Non** modo/**fortu** **nae** // **munere** /**factus** **e**/ques (8)  
 /**Qui** **tribus** / **ante** **qua**/ter // **mensibus** / **ortus** **e**/rat (10)  
 /Sollici/**tae**que **fu**/gax // **ambiti**/onis **e**/ram (38)

### 6.1.3. Época da transfonemia.

O início da transformação deve ter ocorrido, segundo os comentários de Cícero (Maurer, 1959, 66-7) no Lácio, pelo menos no I século A.C. Implantou-se depois o acento intensivo na fala da plebe romana e foi penetrando tôdas as camadas da população até prevalecer na linguagem falada pelas pessoas cultas, no IV séc. D.C., quando se verifica a primeira confusão entre os poetas (Maurer, 1959, 65, 67-8). (cf. ainda Maurer, 1959, 9-10 e os dois últimos capítulos de Maurer, 1962).

## 6.2. A transformação de vocábulos proparoxítonos em paroxítonos.

O aparecimento do acento intensivo causou a evolução de vocábulos proparoxítonos, uma evolução vocabular que fica resstrita pelas condições dos tipos de sílabas seguintes. A vogal (fraca) da penúltima sílaba desaparece por transfonia ou síncope, desde que o desaparecimento da vogal traga como resultado tipos de sílabas já existentes no latim; e assim vocábulos proparoxítonos se transformam em paroxítonos. Trata-se de evolução vocabular, porque não há mudança nem no sistema fonêmico nem na estrutura silábica.

Vocábulos proparoxítonos evoluem para paroxítonos nos seguintes casos:

a) Quando, a partir da vogal intensiva, ocorrer um hiato, i.e. a seqüência de duas vogais.

Esta evolução é favorecida por uma outra circunstância: a existência dos hiatos era uma sobrecarga, contrária à economia da língua. Pois, o latim possuía dez vogais que se distribuíam por tôdas as sílabas quer tônicas, quer átonas, e agora quer intensivas, quer fracas. Já na época anterior o latim havia reagido, limitando pela apofonia (Niedermann, 1945, 28-42) a distribuição das vogais breves a determinados ambientes e reduzindo o número de hiatos pela crase (Niedermann, 1945, 100-7). Restavam ainda os hiatos formados por vogal mais vogal de timbre diferente (Niedermann, 1945, 100), além de /uu/ oriundo de anterior /uo/.

A evolução se deu pela transfonia da primeira vogal do hiato no semivocóide correspondente: as vogais anteriores passam a (y) e a posterior a (w). É possível que a evolução tenha sido gradual. Segundo Meillet e Niedermann, ainda no latim foram eliminados os hiatos formados pela vogal /i/ mais vogal de timbre diferente, pela inclusão do semivocóide (y) entre as duas vogais (Meillet, 1948, 250-1; Niedermann, 1945, 149-50). Neste caso, êsses proparoxítonos se teriam transformado em paroxítonos pela síncope do /i/. A evolução teria sido:

**filium** "filho" : /'fi:liu/ — /'fi:liyu/ — /'fi:lyu/.

Entretanto, se a evolução fônica é gradual, a evolução vocabular não precisa ser. É perfeitamente possível a passagem imediata de /i/ para /y/ e é muito mais provável que a vogal /e/ passou imediatamente a /y/ do que imaginar todos os graus intermediários: (E) — (e) — (l) — (i) — (y). Neste caso, a evolução foi a seguinte:

**filium** "filho": /'fi:liu/ — /'fi:lyu/ . . .  
**paleam** "palha": /'pa:lea/ — /'pa:lya/ . . .

São formas atestadas pelo Appendix Probi:

n.º 55	uinea	non uinia
63	cauea	non cauia
65	brattea	non brattia
66	cochlea	non coclia
67	cocleare	non cocliare
68	palearium	non paliarium
72	lancea	non lancia
80	solea	non solia
81	calceus	non calcius
117	tinea	non tinia
157	linteum	non lintium

Quando a primeira vogal do hiato era a vogal intensiva como em **parietem**, o acento intensivo se deslocou sobre a penúltima sílaba e depois o /i/ acompanhou a evolução para /y/. Por analogia (evolução vocabular) a evolução do /i/ em hiato ocorre também em sílabas anteriores à intensiva, como foi o caso de **seniorem**; mas os demais hiatos como **creare**, **leonem**, pelo menos nesta época, se conservaram.

Exemplos: /i/ — /y/; /e/ — /y/.

**Ortografia It. Significado Evolução:**

radium	"raio"	/'padiu/	— 'padyu/ . . .
capiam	"caiba"	/'kapia/	— /'kapyu/ . . .
medium	"meio"	/'mediu/	— /'medyu/ . . .
parietem	"parede"	/'pa'piete/	— /pa'pi'ete/ — /pa'pyete/ . . .
seniorem	"senhor"	/seni'o:pe/	— /se'nyo:Se/ . . .
uineam	"vinha"	/'wi:nea/	— /'wi:nyu/ . . .
lanceam	"lança"	/'lankea/	— /'lankya/ . . .
linteolum	"lençol"	/lin'teolu/	— /lin'te'olu/ — /lin'tyolu/ . . .
linteum	"lenço"	/'linteu/	— /'lintyu/ . . .

(Sobre o deslocamento do acento: Niedermann, 1945, 23).

Exemplos: /u/ — /w/.

Ortogr. It.	Significado	Evolução:	
habuit	"houve"	/'abuit/	— /'abwit/ . . .
sapui: sapii	"soube"	/'sapui:/	— /'sapwi:/ . . .
potui	"pude"	/'potui:/	— /'potwi:/ . . .
posuit	"pôs"	/'posuit/	— /'poswit/ . . .

(y) e (w) não trouxeram nenhum embaraço à língua: não houve conflito homonímico, porque êstes alofones não existiam nos ambientes nos quais surgiram agora; nem houve evolução no

diagramema nem no diagrama, porque já existiam como fonemas e alofones. O /y/ só existia em início de sílaba e como semi-vogal, segundo elemento de um ditongo; o /w/ ocorria em início de sílaba, depois de /k/ e /g/ como semiconsoante, primeiro elemento de um ditongo, e como semivogal, segundo elemento do ditongo **au** /aw/<sup>1</sup>.

O único conflito homonímico possível, embora com certeza muito raro, seria pela confluência de /e/ e /i/ para /y/, em vocábulos como **solea** "sandália" e **solia** "poltronas", embora nestes dois vocábulos o contexto e a situação dificilmente admitissem o conflito.

b) A evolução dos proparoxítonos em paroxítonos também se dá com a simples síncope da vogal da penúltima sílaba. A síncope é possível quando surgem sílabas de tipo já existentes, isto é, quando as consoantes se agrupam formando:

grupo próprio: duas consoantes pertencendo à última sílaba  
— /pρ/, /bρ/, /tρ/, /tl/, /kl/;

seqüência em duas sílabas: /m.n/; /mp.t/, /s.t/;

seqüência em duas sílabas, sendo a 1.<sup>a</sup> consoante /n/ ou /ρ/, desde que a última não seja nem /t/ nem /k/. (Ainda é preciso descobrir qual é o fato do sistema vocabular que impediu tal evolução, porque neste último caso não há resistência do tipo de sílaba).

A síncope não se tornou efetiva em todos os casos por causa da reação das camadas mais cultas da população, como se comprova pelas formas divergentes como **macula** — **malha e mágoa**, ou por evoluções opostas, como **domina** — **dona**, mas **femina** — **fêmea**, **geminu** — **gêmeo**. **Fêmea** e **gêmeo** são exemplos das formas semieruditas mais antigas existentes na língua portuguesa, porque empréstimos da linguagem culta da época do

---

1) A evolução de /u/ para /w/ nos verbos reforçou o /w/ como símbolo mórfico do perfeito na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, porque em quase todas as demais pessoas desaparecera o /w/: cantavi, cantavisti — cantai, cantasti, etc. Desta sorte havia uma redundância na 3.<sup>a</sup> pessoa do perfeito: o /w/ e o /i/, além do /t/ final. A conseqüência foi a síncope do /i/ nesta pessoa: uma evolução mórfica, que criou os ditongos /e:w/ e /i:w/, além de reforçar a existência do ditongo /aw/ de vocábulos como **aurum**, **taurum**, etc.

cantavit	"cantou"	/kan'ta:wit/	— /kan'ta:wt/
implevit	"encheu"	/im'ple:wit/	— /im'ple:wt/
partivit	"partiu"	/paρ'ti:wit/	— /paρ'ti:wt/

Esta evolução mórfica trouxe ainda como conseqüência o aparecimento dos primeiros vocábulos oxítonos, mais uma nova marca para a 3.<sup>a</sup> pessoa do perfeito.

latim imperial. “Sin embargo, el tratamiento de tal vocal era, al parecer, muy inseguro en latín vulgar, y las condiciones diferían grandemente en las diversas regiones. Había probablemente un conflicto entre la pronunciación culta y la popular, conservándose en muchos casos los dos tipos en las lenguas romances; así, mientras el mundo oficial y literario decía (h)omines . . . las gentes incultas pronunciaban ‘om’nes. . . de semejante manera, al lado de socerum había una forma socrum”. (Grandgent, 1952, 156-7). (Faltam os sinais de breve e longa do original).

Exemplos da síncope da vogal da penúltima sílaba:

Ortografia It.	Significado	Evolução:	
leporem	“lebre”	/’lepope/	— /’leppe/ . . .
alterum	“outro”	/’altepu/	— /’altpu/ . . .
uetulum	“velho”	/’wetulu/	— /’wetlu/ . . .
oculum	“ôlho”	/’okulu/	— /’oklu/ . . .
libero	“livro”	/’li:beɾo:/	— /’li:bɾo:/ . . .
dominum	“dono”	/’dominu/	— /’domnu/ . . .
computo	“conto”	/’komputo:/	— /’kompto:/ . . .
positum	“pôsto”	/’positu/	— /’postu/
uiridem	“verde”	/’wipide/	— /’wipde/ . . .
generum	“genro”	/’geneɾu/	— /’genɾu/ . . .

É provável que também tenha sofrido síncope o /u/ diante de outra vogal, transformando proparoxítonos em paroxítonos. Exemplos:

mortuum	“morto”	/’mɔɾtuu/	/’mɔɾtu/ . . .
quattuor	“quatro”	/’kwattuɔɾ/	/’kwattɔɾ/ . . .

Em todo o caso, foram eliminados todos os hiatos em que /u/ era a primeira vogal, mesmo em sílabas anteriores à intensiva, quer por síncope quer por transfonia de (u) para (w): **soube** de /’sapwit/ . . . — /’sawbe/ e houve o port. arc. **valvesse** oriundo de **ualuisset**. Segundo Grandgent a evolução se processou desde o I séc. D.C. “Daí as formas vulgares: cardus (carduus), mortus (mortuus) . . . quattor (quattuor), febrarius (februarius), manaria (manuaria), uinacre (vinum acre) . . . cardeles (cardueles), etc.”. (Maurer, 1959, 19). Em Silva Neto (1957, 101) encontramos as seguintes formas atestadas: “battualia — + battwalia — battalia (C.I.L. V, 492), february — february (Ap. Probi, n.º 208); quattuor — quattor (C.I.L. VIII, 8798) . . .”

## 7. EVOLUÇÃO SILÁBICA.

### 7.1. Restrição às consoantes implosivas.

São poucas as consoantes que no português podem ocorrer como implosivas. A distribuição das consoantes latinas era mais

ampla. A eliminação das implósivas obedece à antiga tendência, pelo menos desde o latim arcaico, como se comprova pelo tratamento dado à consoante implósiva, que se mostra, com poucas exceções, mais fraca, assimilando-se à seguinte. Exemplos de evolução do latim arcaico: **agere** mas **actus**; **nubere** mas **nupsi**; \***sopnos** — **somnus**; **opificina** — **officina**; \***concutsi** — **concutsi**; \***petna** — **penna**; **submoueo** — **summoueo**; \***adrego** — **arrigo**; **adloquor** — **alloquor**; **inrigo** — **irrigo**; \***quidpe** — **quippe**; \***disferro** — **differo**; \***eumdem** — **eundem**. (Niedermann, 1945, 181-212).

As consoantes posvocálicas se mantêm no 1.º estado lingüístico nos casos seguintes:

- a) quando geminadas;
- b) o /k/, /g/, /s/, /m/, /n/, e /w/.

É de se notar que /f/ só ocorria como implósiva, quando geminada; /g/ não ocorria em fim de vocábulo; /m/ e /n/ não ocorriam como final de vocábulo de mais de uma sílaba.

Desaparecem totalmente (p), (b) e (d):

- (p) implósivo cai em fim de vocábulo e no meio de duas consoantes; sofre assimilação total à consoante seguinte diante de /t/ e /s/: transfonia para (t) e (s).<sup>1</sup>

A lêtra **b** que o latim clássico registra diante de **t** e **s** representava o alofone labial, surdo, implósivo (p). (Niedermann, 1945, 183).

- (b) implósivo cai em todos os ambientes; ocorria unicamente no vocábulo **sub** e em vocábulos "compostos", diante de /w/.
- (d) implósivo também sofreu defonia, como o (b) em ambientes idênticos.

Exemplos:

promptum	"pronto"	/ˈpɹɔmptu/	— /ˈpɹɔmptu/...
computo	"conto"	... /ˈkɔmptɔ:/	— /ˈkɔmptɔ:/...
aptare	"atar"	/apˈta:ɹe/	— /atˈta:ɹe/...
ruptum	"roto"	/ˈɹuɹtu/	— /ˈɹuttu/...
septem	"sete"	/ˈsepte/	— /ˈsette/...
inceptare	"encetar"	/inkepˈta:ɹe/	— /inketˈta:ɹe/...
subterrare	"soterrar"	/supteɹˈɹa/	— /sutteɹˈɹa
ipse	"êsse"	/ˈipse/	— /ˈisse/...

1) Os vocábulos semieruditos, introduzidos em época posterior, vocalizam o (p) — *praepceptu* — preceito; *baptizare* — bautizar; *capsa* — caixa; *capsu* — queixo. (Nunes, 1951, 123-5).

gypsum	"gêso"	/'gipsu/	— /'gissu/...
abscondere	"esconder"	/aps'kondepe/	— /as'kondepe/...
sub	"sob"	/sub/	— /su/...
subuertere	"subverter"	/sub'weptepe/	— /su'weptepe/...
ad	"a"	/ad/	— /a/...
aduersum	"avêso"	/ad'weψu/	— /a'weψu/...
aduocare	"avogar"	/adwo'ka:pe/	— /awo'ka:pe/

Desaparecem como finais de vocábulo (t) e (k).

(t) ocorria unicamente em fim de vocábulo onde sofreu defonia ("caiu em latim vulgar..." (Williams, 1961, 102).

(k) implosivo sofreu defonia em fim de vocábulo.

Exemplos:

et	"e"	/et/	— /e/...
aut	"ou"	/'awt/	— /'aw/...
caput	"cabo"	/'kaput/	— /'kapu/...
debet	"deve"	/'de:bet/	— /'de:be/...
debent	"devem"	/'de:bent/	— /'de:ben/...
nec	"nem"	/'nek/	— /'ne/...
sic	"sim"	/'si:k/	— /'si:/...
dic	"dize"	/'di:k/	— /'di:/...

Evoluções com /l/ e /p/:

(λ) alofone implosivo sofreu transfonia para (y) depois de vogais posteriores, para (w) nos demais ambientes; mas esta evolução ocorreu unicamente em sílabas intensivas.

(ρ) em fim de vocábulo transforma o tipo de sílaba de CVC para CCV, por colocar-se antes da vogal: (ρ) de implosivo passa a explosivo; diante de (s) sofreu transfonia para (s), assimilação total.

Exemplos:

alterum	"outro"	...	/'altpu/	— /'awtpu/...
altum	"alto"	...	/'altu/	— /'awtu/...
palpo	"poupo"	...	/'palpo:/	— /'pawpo:/...
saltum	"souto"	...	/'saltu/	— /'sawtu/...
calcem	"couce"	...	/'kalke/	— /'kawke/...
falcem	"foice"	...	/'falke/	— /'fawke/...
multum	"muito"	...	/'multu/	— /'muytu/...
culmen	"cume"	...	/'kulme/	— /'kuyme/...
ausculto	"escuto"	...	/as'kultu:/	— /as'kuytu:/...
inter	"entre"	...	/'inteρ/	— /'intpe/...
semper	"sempre"	...	/'sempeρ/	— /'semppe/...
super	"sôbre"	...	/'supeρ/	— /'suppe/...
aduersum	"avesso"	...	/a'weψu/	— /a'wessu/...
personam	"pessoa"	...	/pep'so:na/	— /pes'so:na/...
persicum	"pêssego"	...	/'peψsiku/	— /'pessiku/...
ursum	"urso"	...	/'uψsu/	— /'ussu/...

"A existência de formas com **l** ao lado de outras com esta consoante vocalizada, resulta da pressão da língua culta sôbre a popular," ... (Nunes, 1951, 128).

"A preposição **pro** se tornou **\*por** em latim vulgar. ... O **r** de **\*por** e o **r** de **per** nunca foram realmente finais em latim vulgar ou em português, pela posição regularmente proclítica dessas palavras". (Williams, 1961, 102).

Resumo da situação alcançada:

Tôdas as consoantes ocorrem como implosivas, quando geminadas. Em fim de vocábulo, ocorrem unicamente /s/, /m/ em vocábulos monossílabos, /n/ (pela queda do — **t** final, também em vocábulo de mais de uma sílaba), /l/ e /w/.

Em fim de sílaba, além de /m/, /n/, /s/, /l/ e /w/ ocorrem também /k/, /g/, /p/ e /y/.

Como implosivas só ocorrem na gemação /p/, /b/, /t/, /d/ e /f/. Em fim de vocábulo: apenas 5 consoantes; em fim de sílaba: 9 consoantes e mais 5 apenas na gemação.

Estas evoluções não mudaram o tipo de sílaba, apenas restringiram a classe dos ocupantes das consoantes implosivas.

## 7.2. Restrição a grupo consonantal.

O fonema /s/ era a única das consoantes que podia ocorrer em início de vocábulo, diante de oclusiva, formando um tipo de sílaba CCV, com um grupo inicial, de ordem irregular de abrimento: um movimento de abrimento bucal para a pronúncia do /s/ seguido de cerramento bucal para a articulação da consoante oclusiva; depois nôvo abrimento bucal. O primeiro movimento de abrimento e cerramento bucal era uma sílaba fonética, não constituía porém uma sílaba funcional, ou silabema: não contava sílaba na métrica e não podia receber nem tom, nem quantidade, nem a intensidade. Eram duas sílabas fonéticas com o valor de uma sílaba fonêmica. Houve evolução, a primeira sílaba, que era apenas fonética, passou a sílaba com valor lingüístico pela prótese de um /i/.

Exemplos:

spicam	"espiga"	/spi:ka/	— /is'pi:ka/...
sponsum	"espôso"	/spo:su/	— /is'po:su/...
speculum	"espelho"	... /speklu/	— /is'peklu/...

A evolução foi idêntica, quando a consoante oclusiva ainda era seguida de outra consoante /l/ ou /ρ/.

scriptum	"escrito"	/ˈskɾi:ttu/	— /isˈkɾi:ttu/...
strictum	"estreito"	/ˈstɾiktu/	— /isˈtɾiktu/...

Com esta evolução, o (s) passou de explosivo para implosivo.

### 7.3 Restrição no grupo próprio.

No grupo próprio do latim, podia aparecer como primeira consoante ou uma labial ou uma posterior, /p/ ou /k/, sendo as sonoras muito raras /b/ e /g/; como segunda consoante havia /l/ ou /ρ/. Como primeira consoante podia ocorrer também a fricativa /f/. Existiam pouquíssimas palavras com /dρ/ como **quadra**, **quadraginta** e **quadragesima**. É de se notar a diferença entre o latim clássico e o latim vulgar: na seqüência /gρ/, medial de vocábulo, o /g/ era explosivo, enquanto no latim vulgar era implosivo, conservando-se um arcaísmo de pronúncia (Maurer, 1959, 70). Parece que **quadra** no latim vulgar foi substituído por \***quagra**, pelo que sugere o português arcaico **caira**, como também o empréstimo **cathedra** no latim vulgar deve ter evoluído para \***categra**, vocábulo paroxítono, como o sugere o resultado **cadeira**. A ausência da apical como primeira consoante do grupo próprio se explica pela fonologia histórica do latim (Nierdermann, 1945, 195-6) e é esta restrição que explica a fuga de **cathedra** e **quadra** para \***categra** e \***quagra**, respectivamente, como explica a passagem de /t/ oriundo de síncope da vogal (v. 2.7.2.) para /k/: diafonia de (t) para (k) diante de /l/. O Appendix Probi atesta:

n.º 5	uetulus	non ueclus
6	uítulus	non uiclus
167	capitulum	non capiclum

uetulum "velho" ... /ˈwetlu/ — /ˈweklu/...

### 7.4. Restrição no emprêgo de /w/.

O alofone (w), explosivo, primeiro elemento de um ditongo crescente, desaparece quando precedido de uma posterior, oclusiva. Não se trata de evolução fônica, porque o mesmo alofone ainda permanece na língua depois de outras consoantes /ˈabwi:/ (2.7.2) e em início de sílaba; não se trata de evolução fonêmica, porque o fonema /w/ permanece no sistema. É uma evolução silábica, porque se restringe o número de ocupantes de CC diante de Vogal.

### Exemplos:

aquilam	"águia"	/'akwila/	— /'akila/...
aliquem	"alguém"	/'alikhwem/	— /'alikhem/...
quomodo	"como"	/'kwo:modo:/	— /'ko:modo:/...
numquam	"nunca"	/'numkwa/	— /'numka/...
qualem	"qual" = cal, arc.	/'kwale/	— /'ka:le/...
quantum	"quanto" = canto, arc.	/'kwantu/	— /'kantu/...

"Sob a influência literária a semivogal foi reaparecendo a pouco e pouco em muitos daqueles vocábulos". (Nunes, 1951, 96).

### 7.5. Restrição à semivogal (y).

#### Evolução de ditongos.

Os ditongos latinos tinham a tendência para o desaparecimento (Niedermann, 1945, 80-90), pela queda da semivogal. No latim vulgar ainda estavam restando três, /a:y/, /o:y/ e /a:w/.

O ditongo /a:y/:

O ditongo /a:y/ foi eliminado depois da perda da quantidade nas vogais baixas e nas vogais médias abertas. A defonia da quantidade deve ter ocorrido muito cedo nestas vogais, por lhes faltar oposição entre longa e breve (Back, 1968, 1), e desapareceu o contraste entre longa ser fechada e breve ser aberta.

Como o fone (E) não ocorria diante de (y), não havia oposição na estrutura silábica entre /ay/ (com perda da quantidade do /a:/) e /Ey/. É o seguinte: Até a fase precedente, na estrutura silábica diante de /y/ podia ocorrer ou /a/ (ou /o/ do ditongo /o:y/ = *oe*). Não podia, portanto, haver prejuízo para a comunicação se na sílaba se combinasse (E) com (y) em vez de (a) com (y). Como (Ey) não existia até então, não podia haver confusão entre vocábulos e (Ey) assumiu o mesmo valor de (ay): trata-se de assimilação parcial da vogal ao iode. Depois que se fixou a pronúncia de (Ey), adotada pela maioria, ocorreu a queda da semivogal. O ditongo não devia ser muito freqüente, a não ser na 1.<sup>a</sup> declinação, onde desaparece com os casos que o possuíam (Maurer, 1959, 85-98).

A evolução de (ay) para (Ey) não criou nenhum conflito; a evolução de (Ey) para (E), provavelmente, também não, por ser o (Ey) bastante raro e, portanto, de fraco rendimento vocabular. Acrescenta-se a circunstância de que havia no latim a tendência de eliminar as consoantes implosivas.

Em nenhum caso, tratou-se de evolução fônica ou fonêmica:

(ay) — (Ey) foi evolução da estrutura silábica: mudou os ocupantes da vogal diante da consoante (y);

(Ey) — (E) também foi evolução da estrutura silábica: diminuiu os ocupantes da consoante posvocálica.

Haudricourt, no seu livro "Essai pour une histoire structurale do phonétisme français", defende a opinião de que a evolução do ditongo foi anterior à perda de quantidade. Parece-nos que foi levado a essa posição, por querer defender a oposição binária (pág. 24). A análise lingüística pela binaridade nos parece, hoje, completamente ultrapassada. Pode existir uma oposição binária, contudo nem tudo é binarismo ou sintagma ou constituinte imediato; há oposição entre um elemento e todos os outros que possam ocupar a mesma posição na estrutura. Além da nossa divergência, baseada em diferente teoria lingüística, há uma série de razões por que não se pode concordar com o estudioso francês.

I. /i/ com seu alofone (I) só pode evoluir para (e) breve, depois que (E), breve, obteve oposição a (E:) oriundo de (a:y)? Ora, esta seria uma afirmação nitidamente baseada em oposição binária, uma posição teórica que não se fundamenta nos fatos da linguagem. Quando ainda existia a quantidade, como o exige Haudricourt, (I) realmente pode ter evoluído para (e), breve e foi necessariamente esta a evolução (Back, 1968, I). E na passagem de (I) para (e) não houve nenhuma confusão fonêmica.

II. A passagem de (a:) para (E:) contraria a natureza dos fonemas latinos, o seu comportamento, já que as longas eram fechadas e as breves, abertas. O fato não é impossível, contudo mais difícil e raro. Quando é um fato, tem que se aceitá-lo, porque está de acordo com os dados da língua.

III. Mas aceitar essa afirmação, é complicar a situação e dificultar a explicação dos fenômenos. Caso tivesse existido o /E:/ teria havido aumento da importância, um maior peso da quantidade. Justamente se vê o contrário: em todas as línguas românicas a tendência irresistível foi para o abandono da quantidade. Por conseguinte, para explicar a evolução das línguas românicas não se pode aceitar uma posição hipotética, que contraria evidentemente todas as tendências da língua. O que se poderia admitir seria a passagem de (a:) não para uma vogal anterior média, aberta e longa, mas para uma anterior, baixa, fechada e longa e, neste caso, alofone do fonema /E/ diante de (y). Neste caso, o (y) teria desaparecido depois da quantidade. Entretanto, como não se trata de evolução fônica, mas de evolução de estrutura silábica, não é necessário exigir uma forma intermediária. Se existiu era apenas alofone do fonema /E/.

IV. Em alguns dialetos latinos, realmente a evolução do ditongo foi anterior ao desaparecimento da quantidade. Tanto assim que ali o ditongo passou a /e:/, como o comprovam empréstimos de tais dialetos: **saeta** — port. **sêda**; **praeda** — port. arc. **prea**. Estes empréstimos são perfeitamente possíveis, porque a língua importadora tinha o fonema /e:/.

V. Já nas inscrições de Pompéia, encontramos grafias como **aduaentu**, **aedeo** (= edo), **laesaerit** por **laeserit**, que provam a ausência de distinção quantitativa entre (ay) e (e), breve, no I séc. D.C., nesta cidade (Maurer, 1959, 9). E nestes exemplos **ae** (que fôra longo) está substituindo vogais breves.

E' válida a afirmação de Haudricourt, no sentido de que o ditongo evoluiu antes que a quantidade desaparece totalmente do sistema de vogais, porque:

I. No latim vulgar do I séc. A.C. não havia oposição entre /a:/ e /a/ e a quantidade pôde desaparecer cedo.

II. A quantidade se manteve por mais tempo nas vogais médias, fechadas, porque ali se criou uma oposição, que desapareceu mais tarde, quando estas vogais acompanharam a marcha das outras: transfonia coincidente e transfonemia coincidente (Back, 1968, I).

III. O aparecimento do acento intensivo faz desaparecer rapidamente a quantidade das vogais não-acentuadas; a quantidade das vogais acentuadas pode manter-se facilmente. O gramático Sacerdote, no século III D.C., fala em abreviamento de sílabas longas em posição final e em alongamento de vogais breves acentuadas (Maurer, 1959, 9). S. Agostinho, que viveu de 354 a 430, observa que não se fazia distinção de quantidade na África (Maurer, 1959, 9); portanto em outras regiões, sim. E deve ser a Itália, Roma.

IV. A quantidade desapareceu por "etapas sucessivas" (Haudricourt); tais etapas serão etapas diferentes no sistema; etapas diferentes por regiões; etapas diferentes por classes sociais. (A confusão entre a quantidade aparece nos versos, pela primeira vez, no IV séc. D.C., segundo Maurer, 1959, 65, 67-8).

Exemplos:

caelum	"céu"	...('caylo)	— ('cEylo)	— ('cElo)	...
praesto	"presto"	...('p <sup>ρ</sup> aysto:)	— ('p <sup>ρ</sup> Eysto:)	— ('p <sup>ρ</sup> Esto)	...
faeces	"fezes"	...('fayce:s)	— ('fEyce:s)	— ('fEces)	...
caecum	"cego"	...('cayko)	— ('cEyko)	— ('cEko)	...
saepe	"sebe", arc.	...('saypE)	— ('sEypE)	— ('sEpE)	...

"sebe" = "muitas vêzes"

### A evolução do ditongo /o:y/.

/o:y/ — /e:y/ — /e:/.

O ditongo /o:y/ era extremamente raro em latim, pois se transformara em /u:/, desde o comêço do II séc. A.C. (Niedermann, 1945, 83-5): **Poenus**, **foedus**, adj., **foedus**, subst., **foetere**, **moenia**, **coepi**, além de seus derivados. Nem todos êses deviam

existir no latim vulgar. Por ser tão extremamente raro, não foi difícil o seu desaparecimento, que foi análogo ao do ditongo /a:y/, com uma diferença: como a quantidade se manteve mais tempo, nas vogais médias, fechadas, a evolução deste ditongo deve ter sido anterior à defonia da quantidade.

Na estrutura silábica, não havia oposição entre /o:y/ e /e:y/, fato que possibilitou a assimilação parcial da vogal à semivogal. Depois houve o desaparecimento do iode. Em ambos os casos se trata de evolução silábica e não fônica. Por isso, não se deve pensar em estabelecer formas intermediárias. "O romanicista francês George Millardet refuga, por exemplo, a hipótese de ter havido fases intermediárias nítidas com vogais anteriores arredondadas na marcha do ditongo *oe* latino para /e/ em romance". (M. Câmara, 1959, 271). (cf. Millardet, 1937, 49).

foetere	"feder"	.. (fo:y'te:ρE)	— (fe:y'te:ρE)	— (fe'te:RE)
foetore	"fedor"	.. (fo:y'to:ρE)	— (fe:y'to:ρE)	— (fe'to:ρE)
foedum	"feio"	... ('fo:ydo)	— ('fe:ydo)	— ('fe:do)

### O ditongo /aw/.

O ditongo /aw/ se manteve nesta época, até o português arcaico, provavelmente porque viu a sua frequência aumentada e alcançou pêso mórfico, pela evolução da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, do perfeito (6.2. rodapé) e a evolução do (λ) (1.1.). As formas em que o ditongo aparece substituído pela vogal /o/, se devem a empréstimos dialetais, como **auricula** : **oricula** "orelha" **paupere** : **popere** "pobre"; **fauce** : **foce** "foz".

## 8. EVOLUÇÕES FÔNICAS.

### 8.1. Transfonia de (w) para (v).

O latim desconhecia a labial, fricativa sonora. Nada impedia a transfonia de (w) para o fone (v), provavelmente através de uma fricativa bilabial. (w) era labial, semivocóide, sonoro e passou a (v) labial (bilabial depois labiodental), fricativo, plano e sonoro. Esta evolução ocorreu em início de sílaba.

#### Exemplos:

uaccam	"vaca"	('wakkə)	— ('vakkə)...
uacium	"vazio"	(wa'ci:U)	— (va'ci:U)...
uocem	"voz"	('wo:ce)	— ('vo:ce)...
lauare	"lavar"	(la'wa:ρE)	— (la'va:ρE)...
auenam	"aveia"	(a'we:na)	— (a've:na)...
seruire	"servir"	(sEρ'wiρE)	— (sEρ'vi:ρE)...

Serafim da Silva Neto (1957, p. 101), aponta os seguintes testemunhos: Test. Porcelli: cocina (coquina); Ap. Probi:

n.º 37	equus	non ecus
38	coquus	non cocus
39	coquens	non cocens
40	coqui	non coci, etc.

## 8.2. Transfonia coincidente de (b) para (v).

O fone (b), situado entre duas vogais ou entre uma vogal e /y/, enfraqueceu-se, passando a labial, fricativo, primeiro bilabial, depois labiodental.

O fone (v) do latim vulgar pode, portanto, originar-se tanto de /b/ como de /w/. Dificilmente houve conflito homonímico, porque o ambiente era parcialmente o mesmo: entre vogais. /w/ era muito raro entre vogais. (cf. Niedermann, 1945, 152, 154-5, 157).

"Transforma-se em um **b** fricativo e depois em **v** quando intervocálico, talvez desde o fim da República... Neste tratamento de **b** os documentos latinos estão de acôrdo com o testemunho das línguas românicas, indicando o uso de **v** por **b** pelo menos desde o século II, e também de **b** por **v**, o que evidencia a igualdade de pronúncia das duas letras. Assim temos frequentemente em inscrições iuvene por iubente, incomparavili por incomparabili... Notem-se também as correções do Appendix Probi: tabes non tavis (n.º 93... (Maurer, 1959, 33). "No início do império êsse som tornou-se bilabial fricativo... em algumas regiões, e labiodental, em outras (GVL, 322)". (Williams, 1961, 19).

### Exemplos:

habere	"haver"	(a'be:ρE)	— (a've:RE)...
trabem	"trave"	('tρabE)	— ('tρavE)...
fabam	"fava"	('fa:ba)	— ('fa:va)...
caballum	"cavallo"	(ka'ballU)	— (ka'vallU)...
mirabilia	"maravilha"...	(mi:ρabilya)	— (mi:ρavilya)...

## 8.3. Diafonia de (q) para (y).

O fonema /g/ tinha o alofone (q), uma frontal, oclusiva, sonora, diante de vogais anteriores (v. 3.). Êste alofone sofreu diafonia para (y). Fôra frontal, oclusiva, sonora e passou a frontal, semivocóide, sonoro: houve apenas a troca de um traço fônico, pois eram do mesmo ponto de articulação. Como o fonema /y/ existia, a mudança de fone causa também a troca do fonema nos vocábulos. Esta evolução trouxe notável aumento de freqüência do /y/.

Provavelmente não surgiu nenhum conflito homonímico, porque (q) ocorria unicamente diante de vogais anteriores, onde o fonema /y/ era praticamente inexistente. Após a diafonia da frontal oclusiva, o fonema /y/ se distribuiu diante de tôdas as vogais. Formas antigas com /y/ eram, por exemplo: **iam, maiorem, peiorem, cuius, maium, maiestatem.**

"Hacia el siglo IV... se abrió em **y**, tanto el latín popular como en el eclesiástico". (Grandgent, 1952, 170).

Não se trata de evolução do sistema fonêmico ou do /g/, porque muda-se apenas um alofone do /g/: tanto o fonema como o sistema continuam inalterados.

#### Exemplos:

gelare	"gear"			
/ge'la:pe/	= (qE'la:pe)	— (yE'la:pe)	= /ye'la:pe/...	
gentem	"gente"			
/'gente/	= (qEntE)	— ('yEntE)	= /'yente/...	
reginam	"rainha"			
/pe'gi:na/	= (pe:qi:na)	— (pe:yi:na)	= /pe:yi:na/...	
digitum	"dedo"			
/'digitu/	= ('dlqItU)	— ('dlyItU)	= /'diyitu/...	
legere	"ler"			
/'legepe/	= ('lEqEpe)	— ('lEyEpe)	= /'leyepe/...	
legem	"lei"			
/'le:ge/	= ('le:qe)	— ('le:ye)	= /'le:ye/...	
longe	"longe"			
/'longe:/	= ('lOnqe:)	— ('lOnye:)	= /'lonye:)...	
marginem	"margem"			
/'magine/	= ('maqInE)	— ('mapInE)	= /'mapyine/...	
sagittam	"seta"			
/sa'gitta/	= (sa'qItta)	— (sa'yItta)	= /sa'yitta/...	

#### 8.4. Transfonia de (n) para (ñ)

Pela diafonia das vogais anteriores para (y) (v. 2.7.2) surgiu, entre outras, também a seqüência (ny), que formava um grupo consonantal, i.e., duas consoantes da mesma sílaba. Neste ambiente, (n) sofreu transfonia para (ñ) por assimilação parcial ao iode, palatalização. A palatalização não se realizou, quando os dois fonemas pertenciam a sílabas diferentes, como na palavra longe ('lOn.ye). (ñ) era alofone de /n/.

#### Exemplos:

araneam	"aranha"	... (a'pa:nya)	— (a'pañya)...
lineam	"linha"	... ('li:nya)	— ('li:ñya)...
teneam	"tenho"	... ('tenyo:)	— ('teñyo:)...
uineam	"vinha"	... ('vi:nya)	— ('vi:ñya)...
ingenium	"engenho"	... (In'yEnyU)	— (InyEñyU)...
ciconeam	"cegonha"	... (cl'ko:nya)	— (cl'ko:ñya)...
seniorem	"senhor"	... (sE'nyo:pe)	— (sE'ñyo:pe)...

### 8.5. A transfonia de (l) para (L).

No mesmo ambiente do (ñ), (l) também se palatalizou diante de (y) por transfonia do alofone (l) para (L).

Exemplos:

mulierem	"mulher"	... (mU'lyE <sub>p</sub> E)	— (mU'LyE <sub>p</sub> E)...
ualeam	"valha"	... ('valya)	— ('vaLya)...
malleum	"malho"	... ('maɫlyU)	— ('maɫLyU)...
milia	"milha"	... ('mi:lya)	— ('mi:Lya)...
alienum	"alheio"	... (a'lye:nU)	— (a'Lyē:nU)...
soleam	"solha"	... ('solya)	— ('soLya)...

## 9. EVOLUÇÕES FONÊMICAS.

As evoluções vocabulares, silábicas e fônicas, apresentadas no segundo capítulo, prepararam o terreno para as evoluções fonêmicas ou são a causa direta. É a própria evolução fônica ou a evolução silábica que coloca os alofones em outros ambientes e exige, por isso, outra interpretação dos fones. A evolução dos fonemas nos leva a um novo sistema de fonemas e, portanto, ao segundo estado lingüístico.

### A EVOLUÇÃO DO SISTEMA DE CONSOANTES.

#### 9.1. A fonemia de /v/.

Estudamos a transfonemia de (w) para (v) em 8.1. e de (b) para (v) em 8.2. O novo fone (v) está mais próximo ao (f) agora do que aos seus pontos de origem (w) e (b). É preciso examinar se é alofone de /f/ ou se ocorre nos mesmos ambientes como /f/. Um fone deve ser analisado em confronto com o fone mais semelhante. (v) está próximo ao (f) e ao (b). A diferença entre (v) e (b) é o modo de articulação e pequena diferença de ponto de articulação: fricativo, labiodental : oclusivo, bilabial. A diferença entre (v) e (f) é sonoro : surdo.

(v) e (f) pertencem a fonemas diferentes, porque estão em ambiente análogo: /'vEne/ "vem" e /vE'niRE/ em oposição a /fE'nestRA/, "fresta".

(v) e (b) também pertencem a fonemas diferentes, porque estão em ambiente análogo /'vEne/ "vem" e /'bEnE/ "bem".

A evolução se realizou a partir do I séc. D.C. (Niedermann, 1945, 158. Como o fone (v) está em oposição ao /f/ e ao /b/, constitui um novo fonema /v/: fonemia de /v/. Traços distintivos: labial, fricativo e sonoro. A fonemia de /v/ repercutiu sobre o fonema /f/, que automaticamente sofreu transfonemia; pois houve a fonemia do traço fônico de surdo. No 1.º estado lingüístico, o /f/ tinha como traços distintivos o labial e o fricativo; agora seus traços distintivos são labial, fricativo e sonoro.

O /v/ inicia uma nova série de consoantes: é a primeira entre as fricativas sonoras. Está em oposição ao /b/ praticamente só no início de vocábulo. É esta a razão por que vocábulos com /b/ entre vogais puderam substituí-lo por /v/.

## 9.2. A fonemia de /c/.

No item 3. ficou demonstrada a existência do fone (c) como alofone dorsal, oclusivo, surdo /k/, diante de vogais anteriores. Pela eliminação da semiconsoante posterior depois de /k/, em formas como **aquila, aliquem, quid, quem, quaerere, etc.** (7.4) surgiu o (k) também diante de vogais anteriores. Uma evolução silábica coloca os dois alofones (k) e (c) nos mesmos ambientes. Resultado: fonemia de /c/, que também está em oposição ao /t/, pelos pares mínimos **tincta** e **cincta**.

Diagramema antigo das consoantes oclusivas, surdas:

Labial	Apical	Posterior
/p	t	k/

Diagrama antigo das consoantes oclusivas surdas:

Labial	Apical	Frontal	Dorsal
(p	t	c	k)

Diagramema, após a fonemia de /c/.

Labial	Apical	Frontal	Dorsal
/p	t	c	k/

O novo fonema frontal, oclusivo, não resistiu à pressão dos vizinhos /k/ e /t/, por eliminar a margem de segurança entre dois fonemas oclusivos, produzidos pela língua. Na série se mantém unicamente três fonemas, um articulado pelos lábios e dois pela língua. Surgiu uma variante do fonema /c/ sob a forma de uma africada: transfonemia de frontal oclusivo para africado, fonema não integrado em série, que realizava o mesmo valor pelo fone (t<sup>s</sup>). Não se trata de um novo sistema, mas de uma variante do mesmo sistema.

A consoante africada é, agora, também par problemático com o /s/. Mas se mantém como fonema pelo par mínimo **cella** e **sella**. O fonema /t<sup>s</sup>/ só ocorre antes de vogais anteriores, mas /s/ ocorre nestes mesmos ambientes: **sedere, sic, se, secretum, siccum**, etc.

Ainda é preciso examinar se não constitui uma seqüência de dois fonemas /t<sup>s</sup>/. Não é seqüência de dois fonemas, embora os dois membros ocorram isolados em início de vocábulo e de

sílaba (Bloch, 1942, 40-1), como em **tenere** e **sedere**. É preferível manter o fonema /tʰ/, africado, por três razões:

I. A estrutura silábica: numa seqüência de CC, a segunda consoante é uma de grande abrimento bucal, líquida como /l/ e /R/ ou os semivocóides /w/ e /y/.

II. No romance lusitano o fonema /tʰ/ se integrou em série.

III. A consoante africada comportou-se como uma consoante intervocálica, durante a sonorização das consoantes surdas.

Serafim da Silva Neto, discutindo o problema da época da transformação e trazendo bibliografia, afirma: "De certo, só pelo 2.º ou 3.º séc. D.C. a pronúncia sibilada entrou nas classes cultas: na bôca do vulgo, porém, já ela existia há muito tempo". (Silva Neto, 1956, 80-4).

A fonemia de /c/ evitou a confusão vocabular entre /k/ e /kw/, diante das vogais anteriores. Mas o fonema /k/ não tinha outro alofone, diante de vogal baixa ou das posteriores, para fugir a homônimos: **quantu** /'kanto/; **canto** /'kanto/.

### 9.3. Exemplos da evolução fonêmica.

(Estas evoluções fonêmicas nos levam ao segundo estado lingüístico; o resultado final já não mais pertence ao latim vulgar, mas à língua sucessora, que podemos batizar de latim lusitânico).

Apresentamos os exemplos em outra ordem: as formas sucessivas não virão na mesma linha, mas em coluna de linhas diferentes. A 1.ª coluna apresentará as evoluções fônicas e a segunda, as fonêmicas. As evoluções que não são cronologicamente interdependentes virão no mesmo vocábulo. Até o momento, os exemplos só apresentavam as evoluções estudadas até cada caso.

Ortografia lt.	Significado	Alofones	Fonemas
uaccam	"vaca"	('wakka) (vakka)	/'wakka/ /'vakka/...
uacium	"vazio"	('wa'ci:U) (va'cio) (va'tʰio)	/wa'ki:u/ /va'cio/ /va'tʰio/...
uocem	"voz"	('wo:cE) (vo:cE) (votʰE)	/'wo:ke/ /'vo:cE/ /'votʰE/
fabam	"fava"	('fa:ba) (fava)	/'fa:ba/ /'fava/...
habuit	"houve"	('abUIt) (abwl) (abwe)	/'abuit/ /'abwi/ /'abwe/

Órtografia lt.	Significado	Alofones	Fonemas
rubeum	"ruivo"	( <sup>ρ</sup> UβEU) ( <sup>ρ</sup> UβyU) ( <sup>ρ</sup> ovyo)	/ <sup>ρ</sup> ubeu/ / <sup>ρ</sup> ubyu/ / <sup>ρ</sup> ovyo/...
caecum	"cego"	( <sup>c</sup> ca:ykU) ( <sup>c</sup> cayko) ( <sup>c</sup> cEyko) ( <sup>t</sup> *Eko)	/ <sup>c</sup> ka:yku/ / <sup>c</sup> kayko/ / <sup>c</sup> Eyko/ / <sup>t</sup> *Eko/...
ciuitatem	"cidade"	(ci: <sup>t</sup> ta:tE) (ci: <sup>t</sup> tatE) ( <sup>t</sup> *i: <sup>t</sup> tatE)	/ki: <sup>t</sup> ta:te/ /ci: <sup>t</sup> tatE/ / <sup>t</sup> *i: <sup>t</sup> tatE/...
uicinum	"vizinho"	(wl' <sup>c</sup> i:nU) (ve' <sup>c</sup> ino) (ve' <sup>t</sup> *ino)	/wi' <sup>c</sup> i:nu/ /ve' <sup>c</sup> ino/ /ve' <sup>t</sup> *ino/...
falcem	"foice"	( <sup>f</sup> faλcE) ( <sup>f</sup> fawcE) ( <sup>f</sup> fawt <sup>s</sup> E)	/ <sup>f</sup> falke/ / <sup>f</sup> fawcE/ / <sup>f</sup> fawt <sup>s</sup> E/...
coquere <sup>1</sup>	"cozer"	( <sup>k</sup> OCe:ρE) ( <sup>k</sup> OCe:ρE) ( <sup>k</sup> OT <sup>s</sup> eρE)	/ <sup>k</sup> oke:ρe/ /o' <sup>c</sup> ce:ρE/ /ko' <sup>t</sup> *eρE/...
ciconeam	"cegonha"	(cl' <sup>k</sup> o:nEa) (cl' <sup>k</sup> o:nyā) ( <sup>t</sup> *e' <sup>k</sup> o:ñya)	/ki' <sup>k</sup> o:nea/ /ci' <sup>k</sup> o:nyā/ / <sup>t</sup> *e' <sup>k</sup> o:nyā/
ingenium	"engenho"	(ln' <sup>q</sup> e:nIU) (ln' <sup>y</sup> e:nyU) (en' <sup>y</sup> e:ñyo)	/in' <sup>q</sup> e:niu/... /in' <sup>y</sup> e:nyu/ /en' <sup>y</sup> e:nyo/...
mulierem	"mulher"	(mU' <sup>l</sup> IEρE) (mU' <sup>l</sup> IEρE) (mU' <sup>l</sup> YEρE) (mo' <sup>l</sup> YEρE)	/mu' <sup>l</sup> ieρe/ /muli' <sup>e</sup> ρe/ /mu' <sup>l</sup> yeρe/ /mo' <sup>l</sup> yeρE/
ualeamus	"valhamos"	(waλEa:mUS) (va' <sup>l</sup> ya:mUs) (va' <sup>l</sup> Yamos)	/wale' <sup>a</sup> :mus/ /va' <sup>l</sup> ya:mus/ /va' <sup>l</sup> yamos/
fiduciam	"fiúza"	(fl' <sup>d</sup> ucla) (fl' <sup>d</sup> u:cya) (fe' <sup>d</sup> ut <sup>s</sup> ya)	/fi' <sup>d</sup> u:kla// /fi' <sup>d</sup> u:cya/ /fe' <sup>d</sup> ut <sup>s</sup> eya/
faciem	"face" "faz", arc.	( <sup>f</sup> faciE) ( <sup>f</sup> facyE) ( <sup>f</sup> fat <sup>s</sup> yE)	/ <sup>f</sup> fakie/ / <sup>f</sup> facye/ / <sup>f</sup> fat <sup>s</sup> yE/...

1) Em **coquere** e **coquinam**, é preciso partir de **cocere** e **cocinam**, que são empréstimos de outros dialetos ou, então, se trata de evoluções de vocábulos no latim arcaico, precursores de uma tendência que se generalizou apenas no latim vulgar.

## 10. OS FONEMAS DO LATIM LUSITÂNICO.

As evoluções fonêmicas, estudadas no segundo capítulo transformaram o latim vulgar numa outra língua, sucessora. É outro, agora, o sistema de vogais e de consoantes: é um novo estado lingüístico, uma nova língua, o latim lusitânico. Sem referência ao latim imperial ou ao latim hispânico, com os quais devia ter ainda notáveis coincidências.

### O sistema fonêmico do latim lusitânico.

Os fonemas se apresentam em esquemas diferentes do latim vulgar.

#### Diagrama:

		Labiais	Anteriores	Dorsais
OCCLUSIVAS	surdas	/p	t	k
	sonoras	b	d	g
NASAIS		m	n	
AFRICADA		t <sup>s</sup>		
FRICATIVAS	surdas	f	s	
	sonora	v		
LATERAL		l		
VIBRANTE		r		
SEMIVOCÓIDES		w	y/	

As consoantes.

#### Diagrama:

		LABIAIS		ANTERIORES		DORSAIS	
		Bilab.	Labiod.	Apicais	Frontais	Velares	
OCCLUSIVAS	surdas	(p		t		k	
	sonoras	b		d		g	
NASAIS	sonoras	m		n	ñ	N	
AFRICADA	surda			t <sup>s</sup>			
FRICATIVAS	surdas		f	s			
	sonoras		v				
LATERAIS	sonoras			l λ	L		
VIBRANTE	sonora					r	
SEMIVOCÓIDES	sonoras	w			y)		

O fonema /g/ tem dois alofones: (N) diante de /n/;  
(g) nos demais ambientes.

- /n/ tem dois alofones: (ñ) diante de /y/;  
 (n) nos demais ambientes.
- /l/ tem três alofones: (L) diante de /y/;  
 (λ) depois de vogal;  
 (l) nos demais ambientes.

(Continua)

## 11. BIBLIOGRAFIA.

- Back — Eurico
- 1967 — Neogramáticos x Neolingüistas, in "Humanitas", Anuário n.º 10, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná. Curitiba.
- 1968 - I: A Evolução do Sistema das Vogais Portuguesas, in "Letras", revista do Departamento de Letras, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, n.º 16. Curitiba.
- 1968 - II: Lingüística Construtural, in "Humanitas", Anuário n.º 11, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná. Curitiba.
- 1968 - III: Um Fone, dois Fonemas, in "Minerva", Anuário n.º 2, da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa.
- Bourciez — Edouard
- 1956 — Eléments de Linguistique Romane, 4.ª ed., Librairie C. Klincksieck, Paris.
- Camara Jr. — Joaquim Mattoso
- 1959 — Princípios de Lingüística Geral, 3.ª ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- Coutinho — Ismael de Lima
- 1954 — Pontos de Gramática Histórica, 3.ª ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- Grandgent — C. H.
- 1952 — Introduccion al Latin Vulgar, 2.ª ed. em reprodução fotográfica, Madri.
- Guérios — Rosário Farani Mansur
- 1956 — O Romanzo Moçarábico Lusitano, Separata de "Letras", n.º 5 e 6, revista do Departamento de Letras, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade Federal do Paraná.
- Haudricourt — A. G. e A. G. Juillard
- 1949 — Essai pour une histoire structurale du phonétisme français, Librairie C. Klincksieck, Paris.
- Hill — Archibald A.
- 1958 — Introduction to Linguistic Structures, Harcourt, Brace & World, Inc., New York, Burlingame.

- Huber — Joseph  
 1933 — *Altportugiesisches Elementarbuch*, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg.
- Maurer Jr. — Theodoro Henrique  
 1959 — *Gramática do Latim Vulgar*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.  
 1962 — *O Problema do Latim Vulgar*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- Meillet — Antoine  
 1948 — *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, 5.<sup>a</sup> ed., Librairie Hachette, Paris.
- Meyer-Lübke — W.  
 1890 — *Grammaire des Langues Romans*, Tome Premier, Paris.
- Millardet — George  
 1937 — *Sur le traitement vulgaire du latin *oe**, in "Revista da Cultura", Rio de Janeiro.
- Niedermann — Max  
 1945 — *Précis de Phonétique Historique du Latin*, Librairie C. Klincksieck, Paris.
- Nunes — José Joaquim  
 1951 — *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 4.<sup>a</sup> ed., Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & Cia. (Filhos), Lisboa.
- Pidal — R. Menéndez  
 1930 — *Orígenes del Español*, 3.<sup>a</sup>ed., Madri.
- Silva Neto — Serafim da  
 1956 — *Fontes do Latim Vulgar*, 3.<sup>a</sup> ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.  
 1957 — *História do Latim Vulgar*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- Vasconcelos — J. Leite de  
 1959 — *Lições de Filologia Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro.
- Wartburg — W. von  
 1965 — *Evolution et structure de la langue française*, Editions A Francke S.A., Berna.
- Williams — Edwin B.  
 1961 — *Do Latim ao Português*, MEC, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.